

CONTANDO A CIDADE

Julia de Campos Moura³¹

Faculdade de Artes do Paraná - UNESPAR

Resumo em língua vernácula

Contando a Cidade é um projeto de intervenção urbana e contação de histórias, onde histórias são contadas, ouvidas e assim compartilhadas através da intervenção urbana.

Essas histórias resgatam os acontecimentos da história da cidade através do olhar de quem vive nela e têm narrativas a contar.

Valorizando o encontro, o presente e a partilha.

Palavras-chave em língua vernácula

Contação de Histórias; Intervenção Urbana; Histórias.

Resumo em língua estrangeira

Contando a Cidade is a project of urban intervention and storytelling, than stories are told, heard and thus shared by urban intervention.

These stories rescue events in the history of the city through the eyes of those who live in it and have stories to tell.

Valuing the meeting, present and sharing.

Palavras-chave em língua estrangeira

Storytelling; Urban Intervention; Stories.

³¹ Estudante Artes Cênicas na Faculdade de Artes do Paraná- UNESPAR, formada em técnico em Arte Dramática e Atriz na Cia. de Teatro Palavração da UFPR.

COMO COMEÇOU A PESQUISA

O meu percurso com a contação de histórias inicia em minha cidade natal Taubaté/SP entre os anos de 2009 e 2011. Neste período atuava como atriz e contadora de histórias encenando os contos e narrativas da turma do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Como continuidade do trabalho acima citado se propôs o PIAC “ Contando a cidade” um projeto que relaciona intervenção urbana e contação de histórias. Nas ações realizadas histórias foram contadas, ouvidas ou trocadas.

Essas intervenções resgatavam algumas histórias dos transeuntes da cidade, narrativas de caráter pessoal ou sobre a cidade.

Mais tarde esse PIAC influenciou algumas intervenções com objetivo de trocar histórias no grupo *quandonde - intervenções urbana em arte, que surgiu do projeto de pesquisa Intervenção Urbana em Arte: Um Lugar-Ação na Urbe*.

No que diz respeito ao Grupo de Pesquisa Artes e Performance essa pesquisa visa documentar uma busca estética por um espaço de contaminação entre a contação de história e a intervenção urbana em arte.

*Uma
História de
Infância*

Por

*Ouço
histórias*

De

*Um
Balanço*

*Ouço
histórias
vivas*

Amor

Em

Curitiba

História

História

Ao

De

*Pé da
Árvore*

Morte

“Narrativa: o mesmo que narração, texto em prosa no qual se conta uma história.”³²

Há registros da narrativa com os gregos antigos e suas epopeias, como *Ilíada* e *Odisseia* ambas escritas por Homero³³. Outras narrativas marcantes na literatura são as da personagem Scherazade, em *Mil e uma noites*³⁴ e mais tarde os *Lusíadas*³⁵ de Luis Vaz de Camões.

A narrativa verbal é a forma mais corriqueira de se contar uma história, a princípio a história da humanidade foi contada dessa forma, sendo passada de boca a boca como tradição da comunidade em que se vivia.

A experiência da contação de histórias é a uma experiência de troca. Regina Machado em seu livro “*Acordais: Fundamentos Teórico -prático da Arte de Contar Histórias*”, nos diz: “Ao relatar como foi a experiência de ouvir um determinado conto, cada pessoas mostra que ouviu ‘um’ conto, o seu.”³⁶ Mostrando a particularidade da experiência vivida por cada pessoa que ouve a mesma história, que “estabelece uma conversa entre sua forma objetiva – a narrativa - e as ressonâncias que desencadeia, produzindo um determinado efeito particular sobre cada ouvinte”³⁷.

Por outro lado, Walter Benjamin³⁸ no texto “*O Narrador, Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”³⁹ nos lembra de que:

“É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”⁴⁰

³² GANCHO, Cândida V. COMO ANALISAR NARRATIVAS. Série Princípios. 7ª Edição.

³³ Homero (séc. VIII A.C.) foi um poeta grego, a quem se atribuem as obras-primas *Ilíada* e *Odisseia*. Um dos maiores escritores da antiguidade.

³⁴ *Mil e uma Noites* é uma coleção de histórias e contos populares originárias do Médio Oriente e do sul da Ásia e compiladas em língua árabe a partir do século IX.

³⁵ *Os Lusíadas*: poema épico (1572) de Luís de Camões, de inspiração clássica (segundo a *Eneida*, de Virgílio) mas de manifesto saber contemporâneo, colhido na observação, é constituído por dez cantos compostos de décimas em decassílabos heroicos, e vive de uma contradição esteticamente harmonizada entre a ação das divindades pagãs (que ajudam ou prejudicam o progresso dos Portugueses na viagem marítima para a Índia, tema do livro) e a tutela do sentimento cristão e da expansão da fé, que anima um ardor de conquista e de possessão do mundo.

³⁶ MACHADO, Regina. *ACORDAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-PRÁTICO DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS*. Ed. DCL. 2004. Página 23.

³⁷ Idem - Página 24.

³⁸ Walter Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

³⁹ Nikolai Leskov foi um escritor russo.

Dentro desse Projeto de Iniciação Artístico Cultural se buscou trabalhar a contação de histórias de forma não tradicional, fora de espaços fechados, sem plateia determinada, sem um livro na mão. Levando-a para rua, através da intervenção urbana.

A Intervenção Urbana, no âmbito desse trabalho seriam ações no cotidiano da cidade que, através do estranhamento abre um espaço e um tempo para o encontro, onde algo acontece e deixa para seus participantes uma fruição poética, após a ação.

Podendo ser pensada da seguinte forma, afinal a citação a seguir se refere ao teatro de rua, escolhida por falar sobre algo em comum entre a intervenção urbana e o teatro de rua, o encontro no espaço urbano:

“Se por um lado considerarmos o teatro de rua como fenômeno isolado, aquele criado por um grupo ou um performer como os únicos acontecimentos que legitimamente produzem a intervenção na rua, não nos permitimos apreciar uma série de outras pequenas e grandes performances de interferências urbanas tão eloquentes como aquelas previamente ensaiadas por um grupo e com as quais está sempre em contato. Estaremos desta forma, ignorando o impacto da “teatralidade” dos acontecimentos gerados pelos performers do dia a dia e não percebendo a sua influência sobre a criação artística de quem faz a cena de rua. Além disto, é possível perceber que há mesmo uma interação entre performances artísticas e culturais, sejam elas religiosas ou meramente políticas. Quando termina o espetáculo ou a performance, a cidade volta a ser a mesma, praças e ruas ficam novamente desertas ou habitadas pelos que apenas por elas se deslocam. O que ficou dentro de cada um e que este carrega para outros lugares é a experiência da troca humana e artística, que nunca mais se repetirá e transformou para sempre a memória daquele lugar.”⁴¹

André Carreira pensando de forma mais próxima a intervenção urbana, diz:

“Estar na rua é estabelecer intercâmbio como os outros ocupantes, e por isso mesmo é definir o ambiente, ainda que de uma forma restrita e episódica, pois esse muda o tempo todo. [...] Mas, nesse nível micro estrutural é possível criar experiências de compartilhamento que se dão no plano interpessoal.”⁴²

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. O NARRADOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE NIKOLAI LESKOV. IN: MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA. Ed. Brasiliense, 1994. São Paulo. Página 197.

⁴¹ LIGIÉRO, Zeca. PERFORMANCES NA RUA E AS COMUNIDADES-RELÂMPAGOS: RE-HUMANIZANDO ESPAÇOS DA CIDADE. NEPAA/UNIRIO. Rio de Janeiro.

*Contação de
Histórias*

*Compartilhar
Experiências*

*Troca Humana
e Artística*

*Intercambiar
Experiências*

Contando a Cidade

*Atualização no
Presente*

⁴²CARREIRA, André. O TEATRO PERFORMÁTICO E A CIDADE COMO TERRITÓRIO. Revista arte e filosofia, IFAC-UFOP 14ª Edição, 2013. Página 6.

Contando a Cidade é o encontro entre a contação de história e a intervenção urbana. Através de pontos comuns a essas duas artes:

O compartilhamento de experiência; a atualização do presente; o efeito particular; a troca humana e artística; a definição do ambiente.

A intervenção urbana em arte provoca uma reação dos transeuntes de forma direta, dando maior espaço para o acaso, entre interventor e passante, que intensifica o presente através de um roteiro aberto ao acontecimento⁴³.

A contação de histórias também depende desse presente:

“O contador de histórias e o ouvinte estão presentes no mesmo lugar e compartilham a produção narrativa no mesmo instante em que ela se dá.”⁴⁴

O que se buscou nessa pesquisa de iniciação científica artística, intitulada Contando a Cidade, é afetar o cotidiano das pessoas ao vivenciar o encontro pela narração de histórias.

A partir desses pontos de confluência entre essas duas artes se desenvolveu o projeto Contando a Cidade. Com objetivo de intercambiar experiências utilizando a narrativa dentro do que se denomina contação de história e aplica-la a intervenção urbana em arte.

O projeto se desenvolveu como atividade ligada ao grupo de pesquisa prático-teórico *Intervenção Urbana em Arte*: que tem por orientador o professor Ms. Diego Elias

Definir o Ambiente

desenvolveu como pesquisa prático-teórico *Um Lugar-Ação na Urbe* professor Ms. Diego Elias

⁴³ Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (BONDIA, J.Larrosa, NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DE EXPERIÊNCIA. Universidade de Barcelona, Espanha; GERALDI J. Wanderley, Trad. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, Campinas- SP).

⁴⁴ MATOS, Gislayne.A. A PALAVRA DO CONTADOR DE HISTÓRIAS: SUA DIMENSÃO EDUCATIVA NA CONTEMPORANEIDADE. Editora Martins Fontes, 2005. São Paulo.

*Escrita
Paralela*

*Intervenção
Urbana*

INTERVENÇÃO “OUÇO HISTÓRIAS VIVIDAS EM CURITIBA” REALIZADA NA PRAÇA SANTOS ANDRADE, NO DIA 17-08-12 E NO LARGO DA ORDEM, NO DIA 26-08-12.

Baffi. Estabelecendo uma rotina de troca com suas ações, reflexões e participantes.

Realizou-se essa ação duas vezes. Primeiramente na Praça Santos Andrade⁴⁵. Sentada com um banco vazio à frente e um cartaz escrito “Ouço histórias vividas em Curitiba”, esperava até que as pessoas viessem e relatassem qualquer história vivida por elas na cidade ou sobre a cidade.

Esta intervenção contemplou a primeira parte dessa pesquisa, de conhecer histórias sobre a cidade de Curitiba para pensar o formato das intervenções seguintes. No entanto as narrativas recebidas eram de cunho pessoal.

Após alguns minutos ali, um *gari* passou por mim. Ele chorava porque acabara de perder sua irmã. Sem sentar no banco à minha frente, ele acabou por contar um pouco da história e da doença da irmã.

Relato abaixo o diálogo que tive com o *gari* de acordo com a minha memória. Faço aqui uma prática similar a descrita por FO, ao relatar que:

“Os escrivães ou os tabeliães anotavam o fragmento daquilo que haviam escutado no dia anterior na praça ou num pátio. Nem sempre a memória ajudava; (...) por divergências de memória ou pelo prazer de contribuir com o momento poético, podemos encontrar os mesmos textos em diferentes variantes”⁴⁶

Ele chorava e me dizia - Minha irmã morreu.

Eu - Isso foi hoje?

Ele - Moça, eu só estou te contando que a minha irmã morreu.

Eu - Então por que você continua aqui trabalhando?

Ele - Eu acabei de receber essa notícia. Daqui á pouco eu vou falar com meu chefe para eu ir embora.

⁴⁵ R. Amintas de Barros, Centro – Curitiba/PR- Brasil

⁴⁶ FO.Dario, MANUAL MÍNIMO DO ATOR, BALDOVINO. Lucas e SZLAK Carlos David, Trad. SENAC, 1998. São Paulo. Página 134.

Eu - Ela já estava doente ou foi de repente?

Ele - Ela já tava doente com enfisema pulmonar, por causa do cigarro. Ela me criou moça.

Eu - Meus pêsames.

Ele - Eu ia almoçar frango com ela no domingo, mas não deu tempo.

Assim ele se despediu do nosso breve diálogo. Naquele dia essa foi à história que mais me marcou.

Logo depois outras pessoas vieram contar outras histórias, que também foram registradas, porém não chegaram a ser trabalhadas em sala.

Quando essa intervenção foi feita posteriormente no Largo da Ordem⁴⁷, apenas uma pessoa sentou para relatar histórias que acabaram não sendo trabalhadas.

A história do *gari* gerou grande reverberação nessa pesquisa também por ter sido coletada próxima ao momento da suposta morte da irmã⁴⁸. Sendo a busca pelo encontro uma das bases das intervenções realizadas nesta pesquisa, achei pertinente valorizar o acontecimento de um diálogo – que narrou o sentimento de perda apenas alguns momentos depois ao recebimento da notícia – pois identificava nele grande potencial de trabalho. Por isso se resolveu elaborar outras intervenções a partir dessa história.

⁴⁷ R. Kellers, 160 - São Francisco, Curitiba/PR- Brasil

⁴⁸ Refiro-me como suposta morte por não ter provas sobre a veracidade das histórias relatadas, sendo que importante para essa pesquisa é a história em si e não sua validade.

INTERVENÇÃO “HISTÓRIA DE MORTE” REALIZADA EM FRENTE AO TERMINAL DO CABRAL, NO DIA 24-10-12.

Depois de ter trabalhado em sala a história que o *gari* contou na intervenção “Ouço histórias vividas em Curitiba”, resolveu-se levá-la para o espaço público como uma intervenção consequente da história.

Na ocasião, em frente ao terminal do Cabral ⁴⁹, deitei no chão como forma de causar um estranhamento a rotina do local. Antes de chegar a essa abordagem pensamos em isolar com fita determinada parte do chão em que eu deitasse dentro, porém percebemos que essa delimitação iria contra a ideia de intervenção urbana, pois institucionalizaria um lugar do fazer artístico e um lugar de público.

Passado algum tempo dois homens se aproximaram e questionaram o que ocorrera. Eu Disse “Minha irmã morreu...”, ou seja, a primeira fala que o *gari* havia me dado, continuaria narrando a história em terceira pessoa com algumas falas em primeira pessoa do *gari*, pois a intenção era contar a história da forma encontrada na narrativa épica, um dos tópicos pesquisados, onde o narrador se afasta da história e a conta com uma visão externa.

A primeira narração dessa história, a do *gari*, estava muito distante da versão utilizada nesta ação, afinal o tempo encarregou-se de alterar a história, por pequenos fragmentos perdidos, supostos e até inventados. Nessa ação eu me coloco no presente da contação da história, porém tinha como intenção a narrativa em terceira pessoa, por isso com um olhar externo da história contada pelo *gari*.

Entretanto os dois homens, ao interpretarem que a história era minha, não permitiram que eu continuasse, me levaram para dentro do terminal e me ofereceram um copo d’água.

Essa interpretação em primeira pessoa pode ter ocorrido não somente pela frase, mas também pela forma que ela foi dita, que dentro da narração faz total diferença e na intervenção urbana pode causar diferentes acontecimentos, como pude vivenciar nessa experiência. Pois, talvez se eu começasse a narrativa com outra frase e/ou outro tom, outra forma de dizer, os participantes teriam se colocado

⁴⁹ Av. Paraná, Cabral – Curitiba/PR- Brasil

no lugar de ouvintes. Sendo isso apenas uma suposição do que poderia ocorrer.

Nesse momento pensei na possibilidade de abandonar os dois participantes e sair andando, ou ainda continuar a narrativa em terceira pessoa, mas tive medo pela possibilidade de os partícipes acharem que poderia ser algum tipo de ‘pegadinha’⁵⁰.

No entanto, continuei ali contando a história em primeira pessoa com alguns elementos fictícios, afinal foram me questionados dados que eu não possuía na ocasião.

O objetivo de causar estranhamento naquele ambiente público foi atingido. Nesse caso levou a uma consequência incomum se considerar que os clientes costumeiros do terminal não ingressam no terminal de ônibus pela bilheteria sem pagar passagem. Isso ocorreu como forma de abalo, não que tivesse sido planejado, mas com certeza foi uma forma de entrar naquele sistema de serviços de modo incomum.

Em discussão com o professor orientador chegamos à conclusão que a intervenção aconteceu, porém sem deixar um rastro poético, ou seja, a possibilidade de pensarem em arte com o que ocorreu.

Essa história foi a única utilizada fora dos ensaios. Para preservação da identidade do *gari* houve a inserção de elementos fictícios e a preservação do nome do autor.

Assim concluí a primeira parte da pesquisa ao final do segundo semestre de 2012, com uma estrutura levantada contendo inúmeros pontos a serem pensados para sua continuação.

Ao iniciar o segundo semestre da pesquisa, avalei junto ao orientador o modo de abordagem da intervenção e com o intuito de trocar histórias, e não apenas ouvi-las, fui para rua com um tecido acrobático de circo.

⁵⁰ Ação ou acontecimento que consiste em colocar alguém, de maneira proposital, em circunstâncias constrangedoras com o intuito de provocar comicidade nos espectadores da ação.

INTERVENÇÃO “CONVERSA AO PÉ DA ÁRVORE”, REALIZADA NA PRAÇA SÃO PAULO DA CRUZ, SITUADA NO BAIRRO DO CABRAL EM CURITIBA/PR NO DIA 18-04-2013.

Cheguei ao local e ao tentar instalar o tecido acrobático em uma árvore os operários de uma construtora que descansavam pela praça se mobilizaram oferecendo-me ajuda.

Enquanto instalávamos o tecido busquei caminhos para chegar a contação de histórias.

Era próximo da ‘hora do almoço’, por conta disso iniciei a conversa sobre dias que ficamos sem almoçar. Esse assunto abriu espaço para que eu lhes contasse a seguinte história:

...

Um dia cheguei de um baile de formatura com os meus amigos e todos estavam com fome. A única coisa que havia em nossa geladeira eram batatas, então resolvi fritá-las. Coloquei o óleo para esquentar e fui para o meu quarto.

Passado certo tempo um dos meninos me chamou, pois havia um cheiro estranho na cozinha. Cheguei e retirei a tampa da panela e no mesmo momento começou a sair fogo de dentro da panela. Desligamos o fogo da saída de gás do fogão, porém o fogo da panela não se apagou. Pedi para que todos se afastassem. Quando joguei um copo d’água o fogo subiu e correu por todo o teto da cozinha, saímos todos correndo. Foi quando quase tudo foi pelos ares, mas ficou só no quase. Felizmente quando chegamos ao corredor o fogo havia cessado.

...

Depois do relato questioneei se eles já haviam reparado na beleza do fogo. Eles disseram que sim, que por vezes já ficaram ‘observando uma fogueira’, o quanto aquilo era bonito de se ver e se recordaram de algumas histórias relacionadas ao elemento fogo.

Deu o horário de retorno deles para o trabalho e eles se foram, agradecendo-me pela história.

Aqui pude perceber que houve uma reverberação poética quando questionei a

beleza do fogo eles pararam para pensar e escolher uma história para me contar.

Mostrando estarem presentes nas suas participações na intervenção, mesmo sem saber o porquê daquele pano na praça e da minha vontade de apenas trocar histórias.

O tecido serviu fundamentalmente para chamar a atenção deles que a partir do oferecimento de ajuda se propiciou o encontro.

No decorrer desse semestre outras intervenções foram realizadas como “Troco um balanço por uma História de infância”, “Ouço Histórias de Amor” e a participação na “Feira de Trocas Poéticas” com o grupo Quandonde de intervenção urbana em arte.

Dentro de todas essas intervenções consegui identificar momentos de fruição poética chegando ao objetivo desse projeto proporcionar o encontro entre pessoas através da intervenção urbana e o compartilhamento de histórias.

Os passantes da cidade estão na inércia da sua rotina que encontra a intervenção urbana em arte como algo que pode quebrar a constância em que vivem, podendo compartilhar um pouco de sua vivência com alguém que está interessado apenas em ouvir e trocar histórias.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Regina - ACORDAIS. FUNDAMENTOS TEÓRICO-POÉTICOS DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS. São Paulo, Editora DCL, 2004.

BROOK, Peter, O PONTO DE MUDANÇA. MERCADO, Antônio e GAIDANO, Elena, Trad. Rio de Janeiro, 2ª Edição, Editora civilização Brasileira, 1995.

PAVIS, Patrice, Narrativa épica, Agit-prop, In: DICIONÁRIO DO TEATRO. PEREIRA, Maria Lúcia, GUINSBURG, J. Trad, 3ª Edição, São Paulo, Editora Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, Walter. O NARRADOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE NIKOLAI LESKOV. IN: MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA. São Paulo: Brasiliense, página 197-221, 1994.

CARREIRA, André. Revista arte e filosofia, O TEATRO PERFORMÁTICO E A CIDADE COMO TERRITÓRIO. 14ª Edição, IFAC-UFOP, página 5-15, 2013.

GIRARDELLO, Gilka. VOZ, PRESENÇA E IMAGINAÇÃO: A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS E AS CRIANÇAS PEQUENAS. PPGE-UFSC, página 1-11.

CAMARGO, Robson Corrêa. A PANTOMIMA E O TEATRO DE FEIRA NA FORMAÇÃO DO ESPETÁCULO TEATRAL: O TEXTO ESPETACULAR E O PALIMPSESTO. Goiânia, UFG, Vol. 3, Ano III, nº 4, página de 1-32, Out/ Nov/ Dez de 2006.

LIGIÉRO, Zeca- PERFORMANCE NA RUA E AS COMUNIDADES – RELÂMPAGOS: RE- HUMANIZANDO ESPAÇOS DA CIDADE. Rio de Janeiro, página 62-72, 2012.

BONDÍA, J.Larrosa, NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DE EXPERIÊNCIA. Universidade de Barcelona, Espanha. GERALDI J. Wanderley, Trad. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística.

GANCHO, Cândida V. COMO ANALISAR NARRATIVAS. 8ª Impressão, 7ª Edição. Série Princípios, página 1- 43, Disponível em: http://fortium.edu.br/blog/fabricio_martins/files/2012/02/ComoAnalisarNarrativas_Gancho.pdf, acessado em 20/05/2013.

<<http://www.e-biografias.net/homero/>>, acessado em 12-09-13.

<<http://cvc.instituto-camoes.pt/literatura/lusiadas.htm>>, acessado em 12-09-13.